

DR. FERREIRA DA SILVA



Quando tudo isto que se chamou Portugal, afunda n'um mar de lama, bom é que volvamos os olhos para aquelles que, transviados embora da luta politica, moirejam ainda, cheios de crença e de esperança, para o levantamento do nosso nome.

O dr. Ferreira da Silva é, sem duvida, um dos poucos d'esta phalange nobillissima. O seu nome, sobre que hoje incidam todas as attentões por causa dos seus recentes trabalhos toxicologicos, era de muito conhecido como o de um professor illustre, um sabio e um trabalhador incansavel.

Os brilhantes resultados obtidos nos exames das visceras do pequeno Mario, tanto mais enaltecem o sabio professor, quanto é certo que as dificuldades eram enormes, dada a proficiencia em questões toxicologicas da parte do indicado auctor do crime.

Sobre ter toda a actualidade esta pagina é uma homenagem ao levantado talento do dr. Ferreira da Silva e uma saudação ao trabalhador que teve, ao termo de mil esforços, a consolação de um resultado condigno.

O corvo

Aos primeiros clarões da manhã, o casco do galeão tinha-se afundado inteiramente.

Para qualquer lado que se olhava, o mar não tinha termo; o céu ia coberto d'uma hostella de nuvens cor de chumbo, mosqueada de fulvo, que se fôra erguendo d'uma banda, erguendo, té descobrir sobre a linha do mar uma fimbria d'alva muito pallida, por onde a luz começou a esclarecer de manso o plaiño liquido. E esse plaiño amainava e começara a perder os vagaliões...

Sobre as aguas se erguia, á maneira de torre, um grande ilheu bronco e tismado. Era uma massa de fortins dentada toda em roda, por cima de cuja plataforma outras móles gigantes se aprumavam. E havia porticos, recantos, pateos, levadiças; a ressaca bramia nos reconcavos da rocha bahujenta; por cima as nuvens galopavam, embebendo os goelanos e os corvos marinhos do seu chorume glacido e mortal. Mas que silencio! Atormenta da noite esfalfára a seu turno os elementos, e do galeão perdido nada restava mais do que um cadaver d'escravo, fluctuando de bruços, pela agua—tísticas as pernas, os hombros resahindo em bola sob o esforço dos deltoides, que a agonia paralyzára na sua derradeira contractura, e a cabeça tão baixa e mettida n'agua, entre as espadoas que esse cadaver dir-se-hia havel-a perdido no cepo, sob a machadada certa d'um carrasco.

Entanto a madrugada tocava de lividezes frias a epiderme corrugosa das aguas, á medida que as nuvens se erguiam do oriente, pondo na linha d'agua uma grande bocca de claridade. Essa bocca escancarava para dentro d'uma noção de deserto e d'infinito, sem uma sombra, sem uma vella, e toda estralante d'esse soturno troar que vem do fundo do oceano, como a imprecação de todos os milhões de seres que elle afogou.

Crescia a luz, e as nuvens se iam, lentas e caçadas, para outro hemispherio talvez, descobrindo os mares. E os rochedos do ilheu, se por um lado desciam na paysagem, do seu prestigio phantastico, nem por isso ficaram menos lugubres, com as suas grandes arestas medicvas, e as suas proporções de sepulchro e pedestal. De roda, as aguas batiam-lhe de través os flancos carcomidos, com uma raiva que parecia insistir na proporção da inutilidade do ataque. E ao largo, por todas as bandas, não se viam senão brilhar palhetas finas na orla das ondas, umas após outras, correndo, e resolvendo-se alfim n'uma bahagem d'espuma effervescente.

Mau grado o aspecto pacifico, aquella immensidade era sinistra; tintas de colera passavam ás vezes, como maus-pensamentos, por baixo da epiderme glauca do oceano; via-se então escancarar covas na agua, brotar um braço da espadoa d'uma onda; e o eterno marulho abrir um echo, que estrugia metallicamente em cada palheta, e acordava no teclado das ondas o mais desconforme eóro de rancor.

Sobre uma crista de rocha estava um corvo, um corvo marinho, velho e calculado, cujos olhos corriam o mar á busca do sustento, e cujos lentos meneios trahiram na extrema prudencia, a sagacidade cruel dos passaros cobardes, a quem a lucta repugna, e que se ingurgitam só de podridão. Tinha as patas fincadas no fragoedo, as azas lassas pendendo ao chão como se estivessem decepadas, e avançara o peacoço como quem fareja, estracjando o bico á guiza da matracula. Como era enorme, o vulto d'elle, n'aquella postura de caça, tinha um sello diabolico e maldito. Era ainda noite, já o corvo tinha lobrigado o cadaver do escravo á tona d'agua; e estivera a espreital-o d'alli, do seu reducto, partilhado entre a voluptuosa sensação da carne podre, e o pavor d'avançar sobre uma presa suspeita, que elle não via bem se vivia ou estava morta. E de cima da rocha o seu olhar espia-va d'um lado os outros corvos, e d'outro lado o fluctuar do corpo, cada vez mais dobrado, e que dir-se-hia luctar contra o impulso das ondas, para fugir ás voracidades da ave impassivel e satânica.

Do seu poiso elevado emfim o corvo veio descendo, em pulos mansos, aos contrafortes mais baixos do rochedo, em cuja babosa escarpa vinham partir-se os cachões da resaca. Aqui se detinha um pouco, a olhar de lado a preza cubiçada, alem se deixava escorregar pelas salsugens marinhas, recuando aos repoupos, com um pavor cobarde, de cada vèz que a vaga vinha marrar co' negro á penedia.

* * *

Houve um momento em que o reflexo das aguas, mais forte, desviou o cadaver do ilheu, cerca d'uns metros, tomando-o nos cursos d'um remoinho brusco, que depois o arrojou furiosamente, para uma distancia alem da penedia. E isto açulou o appetite sinistro do passaro, cujas azas se abriram de repente.

De manso, ao rez d'agua, sem um grasnido que aos outros d'esse alarme do nefando repasto, começou elle a voar, n'uma espiral frenetica de gula, que descia e subia, em vôos de seta, e tocava ao de leve a carne do cadaver, pyindo, soltando, té lhe passar de raspão a primeira bicada.

Sem receio de rivaes, aquelle funereo festim haveria parecido á ave, delicioso. Mas era evidente que o ciúme de partilhar o banquete o desesperára e d'esta vèz o corvo tinha pressa em chegar aos bocados saborosos!

... Ahí começa uma lucta entre o corvo que pula sobre as espadas do escravo, a vêr se o volta, pr'a lhe sorver os olhos, como regalo primeiro da orgia perpetrada, e o cadaver que se defende á injúria, occultando cada vèz mais a cabeça sob a agua, e deixando os braços oscillar, como duas inúteis e inertes barbatanas.

Por muito tempo esta manobra prosegue, e á medida que avança, a impaciencia da ave vae n'um crescendo de colera innarravel. Ella abre as azas, ergue-se um instante no ar, para cahir depois a todo o pezo, sobre um hombro do naufrago, e provocar oscillação que lhe desloque o corpo d'aquella postura passiva de defeza. Ella lhe rasga as carnes, com as cortantes laminas do bico, que se crava mais fundo, e mais, cada vez mais, na proporção da certeza que tem da impunidade. Mas tudo é inútil. O negro lá continua de bruços sobre as ondas, hirtas as pernas, o cavername do tronco abroquellado em galaciaes musculaturas, os hombros sempre unidos, a cabeça debaixo do peito, como em vivo fizera, quando o chicote do amo lhe arava as carnes. d'ellas fazendo suar martyrio e sangue. De roda, tudo agua se alarga sob a choral de luz que a manhã canta.

As nuvens foram-se: o sol rebenta afinal á bocca do grande deserto d'agua, e pacifica lhe as furias co'as refulgencias geniaes de sua claridade. E nada é mais doce do que esse murmúrio sem fim das grandas aguas: horrisono ainda ha pouco, agora lyrico e profundo, como o *poean* entoado pelos ephebos, na terra hellena. depois d'uma batalha.

Já o corvo prosegue na sua tarefa exhaustinada, e —imagem do odio—eil-o armando em força a cobardia, repintando a vingança, tripudeando sobre a impunidade—como esses vencidos que se desforram da humilhação soffrida, indo aos cemiterios esbofetear os cadaveres dos vencedores.

IRKAN.



Não estamos n'esse ponto!

Antes que desmereça do Congo o sabão,
Hão de voltar atrás os rios e as ribeiras,
O avaro abrir a bolsa, o coife: as algibeiras,
E do sol fulgurante apagar-se o clarão!

Um artista portuguez a Victor Vnissler, Paris.

Benevola expectativa

Partidos que em vivo inferno
Andam sempre em lucta viva,
Resolveram—como é terno!—
Acolher este governo
Em benev'la expectativa.

Tal exemplo, ao que eu deduso,
Sobre o povo agora activa,
E, d'est'arte, o povo luso
Passa a ter por norma e uso
A benev'la expectativa.

Cada um de vós—contemplo-os—
A nova moda cultiva
No lar, nas ruas, nos templos,
—Passo a dar alguns exemplos
Da benev'la expectativa:

A mulher do Ambrozio Soisa
Co'o primo Cornelio priva;
Sabe o marido da coisa,
Mas, sem se exaltar, repouisa
Em benev'la expectativa.

Magrizella amanuense
Da repartição de esquiva:
O ordenado inteiro vence
E a sair nada o convence
Da benev'la expectativa.

Consta a Andresa que o consorte
Botára amante effectiva:
Não se zanga, não dá sorte,
—Até segue o mesmo norte
Em benev'la expectativa...

Tomou Braz quarenta grammas
D'uma droga purgativa:
Hoje, não falla a madamás,
Por se achar—sem epigrammas—
Com benev'la expectativa...

Cazou Laura co'um velhote;
Passou-se a noite festiva...
E ha mais dez do mesmo lote
Que ella passa—que calote!—
Em benev'la expectativa...

Em resumo: Toda a gente
—Pra encurtar a narrativa—
Quer na rua, quer no quarte
Se mantem presentemente
Em benev'la expectativa.

Seguindo esta regra harmonica
Que do governo deriva,
Eu digo em frase laconica:
Fique o leitor co'esta chronica
Em benev'la expectativa...

PAN-TARANTULA

HOJE

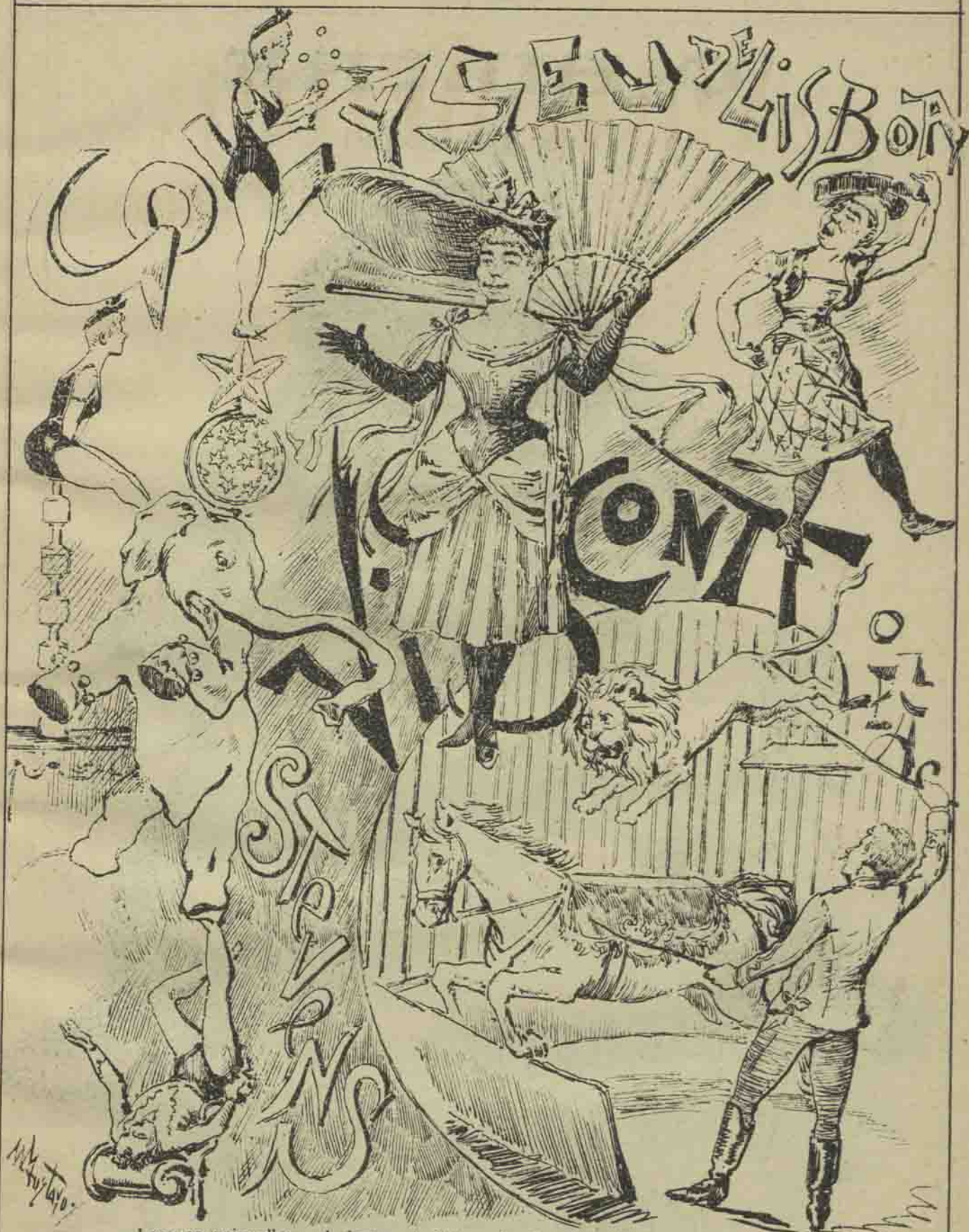


Os ceteiros da corôa malham, aplanam o caminho mas... o cascalho é grosso, o declive é rápido e o travão é fraco.

Manteiga do JACOB



Guerra aos ingleses, gritamos por toda a parte. Mas vamos usando a manteiga que elles fabricam, Deus sabe de que! Manteiga para vender em Portugal, imagine-se.
 Aqui teem a manteiga d'Isigny, que é esplendida, que é barata, que tem emfim todas as qualidades requeridas para substituir a inglesa. Já que não podemos fabricar manteiga que faça concorrência á dos nossos amigos, ao menos compremol-a franceza que... sempre é manteiga da raça latina.



Logar ao mais velho... A abertura do Colyseu dos Recreios, que se dizia trazer a morte ao da rua da Palma não fez senão dar lugar a que tivesse duas companhias melhores do que as que ha alguns annos aborreciam o lisboeta de si pouco folgão.

Se a companhia do Real Colyseu não é de primeira ordem, tem, comtudo, o engraçado excentrico Visconti, que ao soltar uma cançoneta nos faz saudades das *Montagnes Russes*, o leão, que longe de ser um animal terrivel se mostra muitissimo tratavel, mesmo captivante, e finalmente o pobre clown Stevens a quem o publico pediu um elephante a valer, para os seus originalissimos equilibrios...

E, quanto ao Colyseu dos Recreios, no proximo numero dedicar-lhe-hemos uma pagina. Vae depois porqus é mais novo. Respeito ás cans.

O BILTRE

O que elle nos faz!



E nós gritamos impotentes :
Ah! Canalha !!!